

Sem calendário definido para a chegada de mais imunizantes ao DF, não há previsão para aplicação de reforço em idosos ou antecipação de segunda dose da Pfizer — autorizada a partir de ontem. Executivo local responsabiliza pasta da Saúde do governo federal

Avanço da vacinação depende de ministério

» ANA ISABEL MANSUR
» RAFAELA MARTINS

Filas, animação, grupos de amigos e expectativa alta marcaram o primeiro dia da vacinação contra a covid-19 para adolescentes com 14 e 15 anos no Distrito Federal, ontem. O início do atendimento para a nova faixa etária ocorreu em 37 pontos, os mesmos destinados aos jovens de 16 e 17 anos. Na terça-feira, o governador Ibaneis Rocha (MDB) anunciou que pretende começar a imunizar todas as pessoas com mais de 12 anos até o fim do mês. Na sequência, a Secretaria de Saúde (SES-DF) focará na aplicação da terceira dose (D3) em idosos e pessoas com comorbidades. Contudo, não há datas confirmadas para as próximas etapas.

Em 25 de agosto, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, afirmou que enviaria os imunizantes para a D3 ontem. No entanto, a remessa não chegou. “Até agora (ontem à noite), não mandaram (as vacinas). Somos apenas executores. Se não tivermos o número de doses definido nem a cronologia da entrega, não temos como anunciar novas aplicações. O ministério faz a divulgação de um jeito que parece ser culpa dos estados, mas não é. A culpa é da falta de doses”, afirmou ao *Correio* o subsecretário de Vigilância à Saúde do Distrito Federal, Divino Valero.

Além dessa, o DF tem outra situação com que lidar. Ontem, começou a valer a orientação do Ministério da Saúde para diminuição do intervalo entre as doses Pfizer/BioNTech, de 12 para oito semanas. No entanto, com dois grupos prioritários

na fila — adolescentes de 12 e 13 anos, além dos idosos e imunossuprimidos que aguardam a D3 —, a SES-DF deve optar pela ampliação do público. “Vamos vacinar conforme a pauta do ministério. E, assim que forem disponibilizadas (as doses), vamos reduzir as idades”, afirmou Ibaneis.

Ontem, o estoque da Rede de Frio Central do DF tinha 52.650 imunizantes da Pfizer para aplicação como segunda dose. Com isso, há possibilidade de o Executivo local convocar parte do público vacinado com a primeira dentro do prazo de oito semanas.

Cuidados

A Unidade Básica de Saúde (UBS) nº 3 do Guarã recebeu adolescentes pela manhã e à tarde. A fila de espera deu a volta em torno do posto. Após aguardarem 40 minutos, Ana Carolina Chaves, 14, e três amigas conseguiram tomar a primeira dose. Com a imunização de mais pessoas, ela espera que a rotina volte à normalidade o quanto antes. “Eu gosto de sair, às vezes. Então, estou mais aliviada. Na minha família, todo mundo se vacinou; por isso, estou feliz”, comemorou a estudante.

Amiga de Ana Carolina, Sabrina Ramos, 15, celebrou o marco: “Quero voltar a passear com meus amigos, jogar queimada na rua, vôlei e outras coisas. Além disso, tenho ido para as aulas presenciais, e isso (a vacinação) me dá

Ed Alves/CB/D.A. Press

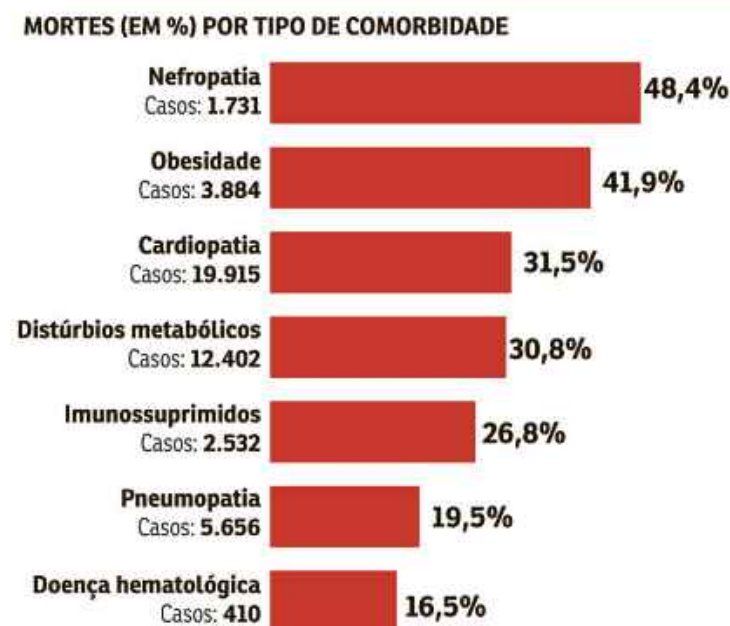
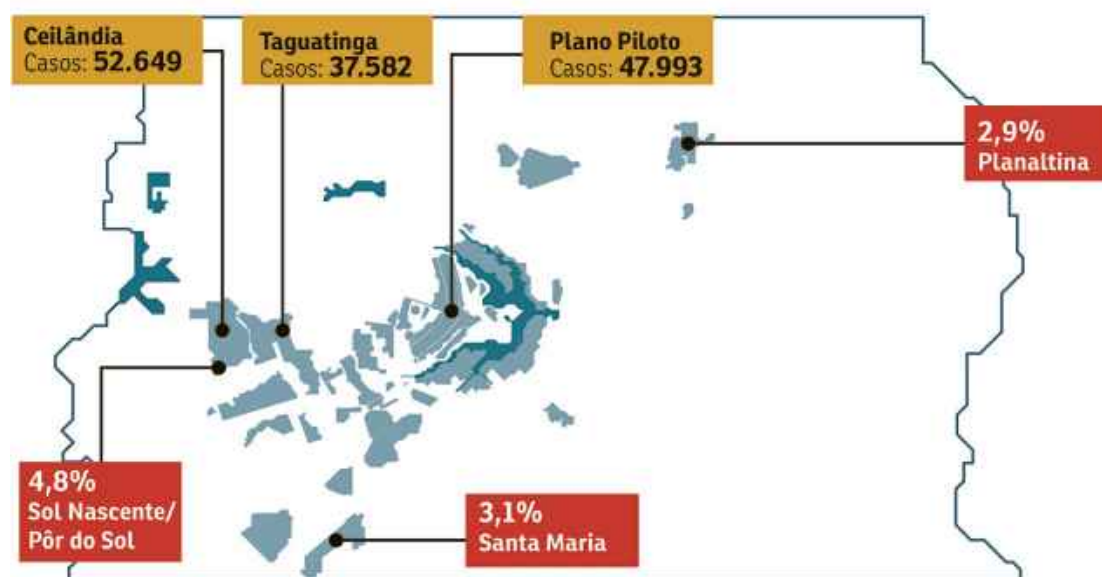


Primeiro dia de atendimento de público com 14 e 15 anos tem alta procura, e adolescentes visitaram postos de vacinação com grupos de amigos

Raio-X

Perfil das infecções por covid-19 no Distrito Federal

REGIÕES ADMINISTRATIVAS COM MAIS REGISTROS DE CASOS
REGIÕES ADMINISTRATIVAS COM MAIOR TAXA DE LETALIDADE (% DE INFECTADOS QUE MORRERAM)



Fonte: SES-DF

mais segurança. Fico muito feliz por ter chegado minha vez. Espero sair aos poucos, mas sempre com cuidado”, destacou a jovem.

Na UBS 1 da Asa Sul, a estudante Luna Silva, 16, comemorou o aniversário ao lado de dois amigos e com vacina no braço. Até a semana passada, ela não tinha a

idade necessária para receber a primeira dose. “Hoje (ontem), é meu aniversário. Vim correndo, pois a expectativa estava grande. Convivemos em sociedade e, em tempos difíceis, precisamos ter cuidado com todo mundo. A imunização é primordial para voltarmos (à vida social) com saúde,

segurança e sem mais consequências negativas. Tive covid-19 e sintomas leves, mas um vizinho muito próximo pegou e não resistiu”, lamentou.

Ontem, a SES-DF imunizou 22,9 mil pessoas com a primeira dose, e 12 mil com a segunda. Com isso, o total da população



Somos apenas executores. Se não tivermos o número de doses definido nem a cronologia da entrega, não temos como anunciar novas aplicações”

Divino Valero, subsecretário de Vigilância à Saúde do DF



Em tempos difíceis, precisamos ter cuidado com todo mundo. A imunização é primordial para voltarmos (à vida social) com saúde, segurança e sem mais consequências negativas”

Luna Silva, 16 anos

do DF que deu início ao ciclo vacinal subiu para 2,08 milhões: 81% do público-alvo da campanha — a população com mais de 12 anos. Já os imunizados são 1,01 milhão (41,4%). Os adolescentes que buscarem os pontos de atendimento não precisam estar acompanhados dos responsáveis, mas devem apresentar documento com foto. Os endereços e horários de funcionamento dos postos estão disponíveis no site do *Correio*.

Fatores de risco social

» EDIS HENRIQUE PERES
» EDUARDO FERNANDES*

O Distrito Federal teve o primeiro caso da covid-19 notificado em 5 de março de 2020. Desde então, a Secretaria de Saúde confirmou 482.337 infecções e 10.245 mortes. No entanto, o novo coronavírus não atingiu com a mesma intensidade todas as regiões administrativas. Áreas com mais problemas de vulnerabilidade social estão entre os locais com maior taxa de letalidade — número de mortes em relação ao total de pessoas com a doença. Quanto ao perfil das vítimas que não resistiram ao quadro, idosos e a população com algum tipo de comorbidade foram os mais afetados.

Na avaliação da taxa de letalidade, o Sol Nascente/Pôr do Sol lidera o ranking das cidades do DF, com morte de 4,81% dos infectados (leia Raio-X). Para o doutor em saúde pública e pesquisador do Observatório PrEpidemia Roberto Bittencourt, a desigualdade social agrava esse índice. “O vírus não é democrático. Ele atinge, principalmente, as populações mais vulneráveis, que têm menos condições de se proteger, de ficar isolada. Geralmente, os locais com piores taxas de doenças coincidem com regiões mais afetadas, também, pela violência e pelo desemprego, por exemplo”, analisa.

Os dados da covid-19 são mais do que números: são nomes de parentes, amigos e colegas de alguém. Amanda Xavier, 21 anos, estudante de enfermagem e moradora de Ceilândia sofre com o vazio provocado pela doença. Entre as vidas perdidas na cidade está a de uma tia. Elisângela Marcelina tinha 43 anos. Era casada, mãe de uma menina, além de professora de história e geografia para estudantes do ensino médio. “Muitas das vítimas da nossa região administrativa trabalham em outras cidades. E grande parte da população depende do emprego e do transporte público para sobreviver. Isso gera mais probabilidade de termos casos da covid-19”, diz Amanda.

Além disso, comorbidades e a idade dos infectados podem ser agravantes. Pessoas com doenças renais foram as que mais morreram no DF. O infectologista Werciley Vieira Júnior explica que o risco de haver lesão aguda desses órgãos é alto com o Sars-CoV-2. “O novo coronavírus pode se alojar em qualquer área do corpo e causar danos. E o rim tem um grande núcleo de vasos e receptores. Caso a pessoa tenha alguma comorbidade nessa área, isso pode agravar a situação (da covid-19)”, destaca.

Quanto aos grupos socialmente vulneráveis, a questão da insegurança alimentar pode influenciar para a ocorrência de mais infecções nas regiões onde elas vivem, segundo Werciley. “Dificilmente, essas pessoas têm uma nutrição adequada e balanceada, porque, geralmente, não têm acesso a isso. Outro fator é que elas podem ter doenças prévias, mas sem receber diagnóstico ou tratamento adequado. Esse cenário prejudica ainda mais essa população”, completa o infectologista.

*Estagiário sob supervisão de Jéssica Eufrásio